

**INTERARTE – UMA EXPERIÊNCIA DE APROXIMAÇÃO
DISCENTE E DOCENTE COM O MEIO ARTÍSTICO**

***INTERARTE – AN ACADEMIC EXPERIENCE OF APPROACH BETWEEN
STUDENTS AND TEACHERS USING ART AS DISCIPLINE***

Leomar Silva Pacheco

Pablo Marquinho Pessoa Pinheiro

Ana Carolina Capuzzo de Melo

RESUMO

O subprojeto Encenando o Texto propõe uma nova diretriz para o ensino interdisciplinar de língua portuguesa e artes com o tema transversal educação ambiental, proporcionando uma percepção direta dos estudantes permitindo-os transformarem a realidade por meio do conhecimento e expressarem-se através da construção da linguagem verbal e cênica. O Interarte, ação deste subprojeto, surgiu após a detecção, por vivência acadêmica no meio escolar, da carência que os alunos tinham com relação à arte. O 1º e 2º Interarte foram divididos em três partes iniciando com as apresentações artísticas, em seguida, dando continuidade com as oficinas e por fim a socialização do que foi aprendido. O processo de criação do espetáculo final com as turmas dos 9º anos em que os acadêmicos estavam na regência da disciplina de artes, o 3º Interarte, foi à produção e montagem do espetáculo a partir dos textos produzidos pelos alunos. Todos estes procedimentos proporcionaram aos estudantes desenvolver habilidades e competências nas temáticas trabalhadas, no que tange a historicidade de cada tema e as vivências corporais diversificadas, pautadas num processo criativo e sócio-cognitivo, consignados numa proposta de integração social e aproximação com o meio artístico.

Palavras chaves: Oficina; produção textual; artes; teatro.

ABSTRACT

Abstract The Staging Text subproject proposes a new guideline for interdisciplinary teaching of the Portuguese language and the arts with a crosscutting theme: environmental education; to provide a direct perception of the students enabling them to transform reality through knowledge and expression with the verbal and scenic language. The Interarte, the action of this subproject, came from the detection, experience academic in the school, due to the students' lack of knowledge about art. The 1st and 2nd Interarte were divided into three parts starting with artistic shows, then continuing with workshops and finally the socialization of what was learned. The process of creating the final show with the 9th grades where the academics were in charge, the 3rd Interarte, was the production and assembly of the show from the texts produced by the students. All these procedures provided to the students to develop skills and expertise in the themes they worked with, regarding the historicity of each theme and diversified bodily experiences, guided by a creative and socio cognitive process, set forth a proposal for social integration and rapprochement with the discipline of arts.

Keywords: Workshop; textual production; arts; theater.

1. INTRODUÇÃO

O subprojeto Encenando o Texto propõe uma nova diretriz para o ensino interdisciplinar de leitura e produção textual em que se visa à capacidade de ler o mundo sob a ótica de reflexão sobre as questões ambientais, proporcionando uma percepção direta dos estudantes que os permitam transformarem a realidade por meio do conhecimento e expressarem-se através da construção da linguagem verbal e cênica. Criando um elo entre as disciplinas de língua portuguesa, educação artística e a educação ambiental.

Segundo IAVELBERG (2009), na construção da identidade artística das crianças e dos jovens que freqüentam as escolas, os professores têm um papel significativo. Sua colaboração é ainda maior quando sabem respeitar os modos de aprendizagem e dedicar o tempo necessário a fornecer orientações e conteúdos adequados para a formação em arte, que inclui tanto saberes universal como aqueles que se relacionam ao cotidiano do

Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

aluno. Assim, fazem parte do conjunto de ações desenvolvidas pelo professor nessa área: orientar os processos de criação artística oferecendo suporte técnico, acompanhando o aluno no enfrentamento dos obstáculos inerentes à criação, ajudando-o na resolução de problemas com dicas e perguntas e fazendo-o acreditar em si mesmo; propor exercícios que aprimoram a criação, informando-o sobre a História da Arte; promover a leitura, a reflexão e a construção de ideias sobre arte. Sendo assim, houve uma necessidade de haver uma aproximação entre os alunos com o meio artístico e suas vertentes. Criou-se então, o Interarte, como ação do subprojeto Encenando o Texto, que surgiu após a detecção por vivência acadêmica no meio escolar, da carência que os alunos tinham com relação à arte.

“Como estratégias para a realização desta perspectiva de trabalho, as seguintes etapas: decidir o tema de estudo, que se refere à escolha realizada por pessoas que se propõe a construir uma oficina, reunir todo o material possível sobre o tema, buscando subsídios em materiais como revistas, filmes, livros, mas também nas conversas cotidianas; o entendimento do tema que será abordado, que se dará através do Estudo e Desenvolver estratégias para poder dizer sobre o tema, podendo referir-se a qualquer meio disponível ou possível de ser criado.” (CORRÊA, 2000, p.150).

A partir destas reflexões, pensou-se em promover uma aproximação da teoria e da prática numa atividade que envolvesse todos os estudantes e professores da escola em que houvesse uma relação de aprendizagem em que pudesse haver uma elucidação do tema proposto e em seguida uma vivência prática.

VIEIRA (2002) afirma que na oficina surge um novo tipo de comunicação entre professores e alunos. É formada uma equipe de trabalho, onde cada um contribui com sua experiência. O professor é dirigente, mas também aprendiz. Cabe a ele diagnosticar o que cada participante sabe e promover o ir além do imediato. Desta forma deu-se origem a necessidade de haver oficinas para que de uma forma mais dinâmica, conseguíssemos aproximar os alunos, dessa realidade artística.

“Uma aprendizagem artística assim percorrida deixará marcas positivas na memória do aprendiz, um sentimento de competência para criar, interpretar objetos artísticos e refletir sobre arte sabendo situar as produções. Além disso, o aluno aprende a lidar com situações novas, inusitadas e incorpora competências e habilidades para expor publicamente suas produções e ideias com autonomia. Cada um se sentirá confiante em relação a sua arte à medida que aprender efetivamente, atendendo aos três eixos de aprendizagem significativa: fazer, interpretar e

Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

refletir sobre arte, sabendo contextualizá-la como produção social e histórica.” (IAVELBERG, 2003 p.3)

Desta forma as oficinas proporcionam aos estudantes integração social, conhecimento histórico e corporal aumentando o desempenho criativo através do desenvolvimento de cada oficina.

2. OBJETIVOS

O 1º Interarte teve o objetivo de proporcionar interação entre os acadêmicos do curso Licenciatura em Artes Cênicas, com os alunos do Ensino Básico da Escola Estadual Presidente Costa e Silva da cidade de Gurupi, para que se amplie o acesso e o conhecimento desses às diferentes formas de artes. Sendo ofertadas cinco oficinas para os alunos, sendo elas: dança de rua, maquiagem, pinturas cênicas, confecção de máscaras e jogos teatrais.

No 2º Interarte o objetivo foi à aproximação de todos os alunos do 9º ano juntamente com todo corpo docente da escola com a classe artística da cidade e a identificação dos mesmos, com cada área das artes cênicas proporcionando um debate entre professores e alunos com os artistas. Sendo ofertadas três oficinas: performance, clown e interpretação teatral.

O 3º Interarte teve o objetivo de oportunizar aos alunos demonstrarem de forma prática o que foi aprendido, participando do processo de produção textual, criação da caixa cênica e atuarem na apresentação teatral como parte culminante da conclusão do subprojeto Encenando o Texto.

3. MATERIAIS E METÓDOS

Segundo EISNER (2001), o que se deve fazer é elaborar um programa da prática educacional baseada em uma concepção adequada da experiência. Para a experiência ter valor e significado educacional, o indivíduo deve experimentar desenvolvendo a habilidade de lidar inteligentemente com problemas que ele inevitavelmente encontrará no mundo. E de acordo com DELIZOICOV e ANGOTTI (2002), o ponto culminante dessa problematização é fazer que o aluno sinta a necessidade da aquisição de outros conhecimentos que ainda não detém, ou seja, procura-se configurar a situação em

Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

discussão como um problema que precisa ser enfrentado. Desta forma, o 1º e 2º Interarte foram divididos em três partes iniciando com as apresentações artísticas, em seguida com as oficinas e por fim a socialização do que foi aprendido.

Em cada oficina foi contextualizado a temática, havendo uma elucidação sobre o tema e um debate a respeito de sua importância no meio artístico em que cada aluno expunha o seu conhecimento a respeito do tema proposto. Partimos para a prática em que os acadêmicos/monitores ensinavam algumas técnicas e logo após, cada aluno teve a oportunidade de vivenciá-las exercitando sua percepção e expondo sua criatividade.

Os materiais e o espaço físico utilizados foram referentes a cada especificidade das oficinas propostas, sendo elas:

- ✓ Dança de Rua – Quadra coberta e aparelho de som;
- ✓ Maquiagem – Sala de aula, maquiagem, espelhos;
- ✓ Confecção de Máscaras – Sala de aula, atadura gessada, tesoura, balde com água.
- ✓ Pintura Cênica – Sala de aula, pinceis de vários tamanhos, tinta própria para rosto, lápis próprio para olho, espelhos;
- ✓ Jogos Teatrais – Sala de aula, bolas de borracha, objetos encontrados dentro das mochilas, dinâmicas e nariz de palhaço.
- ✓ Performance – Sala de aula, nariz de palhaço;
- ✓ Clown – Sala de aula, tinta própria para rosto, pinceis de vários tamanhos, lápis próprio para olho, perucas, chapéus, nariz de palhaço, óculos de brinquedo, buzinas;

Por fim, houve o momento de socialização entre os grupos, em que cada grupo/oficina contextualizavam o que foi aprendido e faziam uma apresentação do que foi produzido.

O processo de criação do espetáculo final, das turmas dos 9º anos, no qual os acadêmicos estavam na regência da disciplina de artes, seguiu-se da seguinte forma para que chegássemos à conclusão com o 3º Interarte. Foi preciso passar por três etapas, sendo que a primeira etapa foi um trabalho sobre conhecimento relacionado com o teatro e o meio ambiente, isto para que os alunos se familiarizassem com a temática. A segunda etapa foi o processo de produção textual em que os próprios alunos iriam criar um texto

abordando o tema sobre o meio ambiente. E a terceira etapa foi à produção e montagem do espetáculo relacionado aos textos produzido pelos alunos em que ocorreram ensaios de interpretações, entonação de voz, marcação de palco, iluminação, sonoplastia, criação de cenário e figurino.

4. DISCUSSÃO

“As mais variadas atividades são então empregadas, de modo que o professor possa desenvolver a conceituação identificada como fundamental para uma compreensão científica das situações problematizadas.” (DELIZOICOV e ANGOTTI 2002, p. 201).

Então obtivemos um embasamento teórico no qual achamos devidamente necessários para se obter um conhecimento a respeito da temática referente a cada oficina.

4.1 1º INTERARTE

Cada oficina teve um embasamento teórico abrangendo desde suas origens até a atualidade. Na oficina de Dança de Rua, foi iniciado um debate em que os alunos falaram do entendimento que eles tinham a respeito. Partindo desse debate foi falado sobre a origem e suas diversas modalidades.

Segundo LAUXEN e ISSE (2009), a dança de rua surgiu com as primeiras manifestações que aconteceram na época da grande crise econômica dos Estados Unidos, em 1929, quando os músicos e dançarinos que trabalhavam nos cabarés ficaram desempregados e foram para as ruas fazerem seus shows (apud ALMEIDA JUNIOR, 2008).

No Brasil, a dança de rua começou a “engatinhar” em meados de 1982, por meio de manifestações de dançarinos amadores, e somente em 1991 se tem registros desta prática, através do surgimento de grupos específicos de dança de rua e locais destinados ao desenvolvimento desta expressão de dança, de acordo com LAUXEN e ISSE (2009), (apud CIRINO, 2002).

“Também são encontradas na dança de rua diferentes formas de manifestação, denominadas de estilos. São eles: Locking, Brooklyn, Popping, Boogaloo, B-Boying ou B-Girling (Breaking), Freestyle (estilo livre). Cada uma dessas formas da dança de rua se difere pela maneira com que a dança é manifestada, isto é, com os tipos de movimentos que são executados.” (LAUXEN e ISSE, 2009).

Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

Assim foi aprofundado no Freestyle para que os alunos através da dança reconhecessem sua própria identidade expondo a sua personalidade.

Na oficina de Maquiagem falou-se um pouco de suas origens priorizando a atualidade aprendendo técnicas de como fazer uma maquiagem para as diferentes ocasiões.

“Com a transição da Pré-história para a Antiguidade³ estes conceitos foram se tornando ainda mais fortes. A Antiguidade foi caracterizada com o surgimento de organizações socioeconômicas e cada uma possuía sua própria cultura. Sendo assim, técnicas diferenciadas de embelezamento surgiram como elemento diferenciador e representativo do indivíduo frente à sociedade.” (VICENTINO, 1997)

“Entre as civilizações da época, a egípcia foi a que se sobressaiu em termos de grandiosidade, principalmente na área da beleza. As descobertas deste povo, que era muito vaidoso, contribuíram para a formação dos produtos que existem hoje no mercado, como os lápis para pintura dos olhos”. (VITA, 2008)

Com a personificação destes conteúdos fica claro para o meio em que se vivem os valores que se tem, pois “o estilo expressa conteúdo: valores, conceitos e uma filosofia de vida” (CORDEIRO, 2009).

No decorrer da oficina, os alunos obtiveram referência da maneira mais adequada de se usar maquiagem, intuito esse alcançado graças ao interesse em tirar suas dúvidas e aprender sobre o uso correto da maquiagem.

Na oficina de Máscaras, foi iniciado com um breve histórico do uso das máscaras nos ritos mágicos pré-históricos, passando pelo teatro grego, pela Comédia Dell’Arte na Idade Média, até os dias atuais segundo BERTHOLT (2004).

No decorrer da oficina foi despertada a sensibilidade visual, a criatividade e a auto-expressão gerando o respeito mútuo com espírito colaborativo devido ao trabalho em equipe que proporcionou uma interatividade entre alunos e acadêmicos.

A oficina de Pintura Cênica foi abordada sobre a sua importância na caracterização de determinados povos, tribos, rituais ou de atores. Os índios já se pintavam e tatuavam antes da chegada dos portugueses ao Brasil, e usavam de misturas naturais para garantir as pinturas. No rosto e no corpo, por meio da pintura, as tribos e etnias se diferenciavam, demonstrando em suas pinturas maneiras de se camuflar, embelezar o corpo e rosto e identificar os seus rituais.

Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

“Mas é no antigo Egito que vamos encontrar os primeiros testemunhos do uso de cosméticos. Os faraós tinham nas perucas coloridas formas de distinção social e consideravam a maquiagem dos olhos ponto de destaque fundamental para evitar olhar diretamente para Rá, o deus - sol (JOSÉ, 2008).”

Desta forma houve uma aproximação dos alunos com a vivência dos bastidores do teatro demonstrando na prática o poder que a maquiagem tem de transformar, renovar, envelhecer e até assustar aos espectadores, com seus efeitos mais elaborados quanto com modelos mais simples. Oportunizando também os alunos de desenvolverem sua criatividade, percepção visual e estética a respeito da arte de encenar, criando novas possibilidades para o desenvolvimento de suas habilidades.

A oficina de jogos teatrais utilizou textos dramáticos, cenas e improvisações, como brincadeiras e jogos lúdicos. Os jogos de improvisação utilizados foram criados pela diretora de teatro norte americano, Viola Spolin (2007), que os utilizava na preparação de atores profissionais, iniciantes e ainda em atividades escolares. O método de Spolin sugere que o teatro possa ser feito por qualquer pessoa, independentemente de talento, e sim de experimentação e ou, experiência criativa. Desenvolveu-se:

Jogo “fica atento” - Este jogo trabalha; atenção, percepção, coordenação motora e cumplicidade cênica. Recursos: Bolas de borracha.

Jogo de improvisação de cenas com objetos; Este jogo trabalha; percepção, desinibição, desenvoltura e criatividade. Recursos: Objetos diversificados encontrados nas bolsas dos participantes.

Jogo do espelho; Este jogo trabalha; percepção, desinibição, desenvoltura e criatividade, cumplicidade cênica, entrosamento, coordenação motora. Recursos: Apenas os participantes.

Assim os jogos teatrais podem ser considerados uma forte metodologia de transformação dos estudantes espectadores em estudantes atores servindo como desmistificador no sentido de inserir o estudante do ensino fundamental no processo de iniciação do conhecimento da arte e na iniciação do fazer arte.

4.2 2º INTERARTE

Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

Segundo CANDAU (2002), os preconceitos atuam como filtros de nossa percepção, fortemente impregnados de emoções, colorindo nosso olhar, modulando o ouvir, modelando o tocar, fazendo com que tenhamos uma visão simplificada e enviesada da realidade. No segundo Interarte achamos necessário haver uma aproximação dos alunos e professores com a realidade de cada artista. Então, após as apresentações artísticas houve um debate para que dúvidas e curiosidades pudessem ser esclarecidas para damos continuidade com as demais oficinas.

A oficina de performance iniciou-se com uma apresentação performática em que o “professor” entra com o nariz de palhaço e fica falando “blabação” interagindo com os alunos ensinando-lhes algo. Ao final da apresentação iniciou-se um debate onde os alunos e professores da escola falaram o que entenderam desta performance. A partir desse debate foi contextualizando a oficina.

Schechner também atribui sete funções para a performance:

“entreter; fazer alguma coisa que é bela; marcar ou mudar a identidade; fazer ou estimular uma comunidade; curar; ensinar, persuadir ou convencer; lidar com o sagrado e com o demoníaco”. Por fim, afirma que “qualquer comportamento, evento, ação ou coisa pode ser estudado como se fosse performance e analisado em termos de ação, comportamento, exibição.” (SCHECHNER, 2003, p.39)

Cohen afirma que:

“Apesar de sua característica anárquica e de, na sua própria razão de ser, procurar escapar de rótulos e definições, a performance é antes de tudo uma expressão cênica: um quadro sendo exibido para uma platéia não caracteriza uma performance; alguém pintando esse quadro, ao vivo, já poderia caracterizá-la.” (COHEN, R., 2002, p.28).

Phelan relata que:

“A performance, num sentido estritamente ontológico, é não reprodutiva. E é essa qualidade que faz da performance o parente pobre das artes contemporâneas. A performance estorva os maquinismos suaves da representação reprodutiva necessários à circulação do capital.” (PHELAN, 1997, p.173)

Após a contextualização fizemos outra performance em que uma pessoa passa cola na cadeira e empurra outra pessoa pra sentar e ao tentar sair esta segunda pessoa, vai grudando-se cada vez mais enquanto a primeira pessoa fica sorrindo da situação. Em

Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

seguida abrimos outro debate e percebemos que o entendimento dos alunos e professores foi ampliado.

Dividimos a turma em duas equipes, sendo que a primeira irá trabalhar a mímica e a segunda irão criar movimentos coreográficos para fazer uma ação performática, sendo a primeira dentro de um supermercado e a segunda no parque da cidade.

A oficina de clown foi iniciada com a contextualização histórica partindo das cortes chinesas, algumas tribos indígenas da América do Norte, no teatro Grego, na Idade Média, com o surgimento de trupes na Itália como a Commedia Dell'arte em que surgiram os primeiros famosos palhaços clássicos como o Alerquim, Pantaleão e Polichinelo. Citando também alguns palhaços precursores no Brasil como o Bozo, Arrelia, Picolino, Carequinha, Atchim, Espirro dentre outros. Foram desenvolvidas atividades em que cada um deveria se caracterizar com os adereços para a criação do seu clown, criando assim a sua própria identidade.

Na oficina de interpretação teatral as atividades propostas têm princípios em jogos teatrais (jogos de atenção, concentração e improvisação).

“Como base estruturante do processo de aprendizagem, sempre enfocando a liberdade pessoal, a autoconfiança e a confiança no outro de maneira lúdica a fim de desenvolver a criatividade, a capacidade de diálogo e a troca.” (HADDAD, 2013)

Foram desenvolvidas algumas atividades de jogos teatrais do livro 200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro de Augusto Boal e do livro Jogos teatrais: exercícios para grupos e sala de aula de Maria C. Novelly.

4.3 3º INTERARTE

“Só uma educação pela arte seria capaz de, proporcionando uma visão estética do mundo em que vivemos, contribuir para uma sociedade mais harmoniosa, de indivíduos equilibrados. Neste sentido, quanto maior for a oportunidade para desenvolver uma crescente sensibilidade é maior a conscientização de todos os sentidos, maior será também a oportunidade de aprendizagem.” (LOWENFELD & BRITTAIN, 1977p. 17)

Após esta aproximação e a familiarização dos alunos com as diferentes linguagens das artes cênicas, demos ênfase à proposta do subprojeto Encenando o Texto, em que através de uma “dinâmica” denominada com “texto escrito por diversas mãos” iniciamos o trabalho de produção textual, em que, após dividir a turma em grupos, com a temática

meio ambiente, cada aluno deveria escrever uma história e que ao sinal do professor eles deveriam parar e passar sua folha para o outro colega dar continuidade na sua história e assim por diante. Desta forma, após a escrita dos textos, fizemos um estudo a respeito de como dramatizar estes textos para que cada grupo pudesse teatralizar a sua história.

Assim juntamente com os alunos, fizemos a correção da escrita, e adaptamos os textos de acordo com o que cada grupo decidiu escolher. Após os textos prontos, estudamos as partes técnicas do teatro. Foi estudado a importância da cenografia, sonoplastia, figurino, maquiagens e iluminação em uma apresentação teatral.

Após todos estes estudos cada grupo fez sua apresentação utilizando o seu conhecimento a respeito do que foi estudado usando materiais e locais alternativos dentro da escola. Ao final das apresentações houve um debate sobre todo o processo de criação até o produto final, a apresentação, em que os alunos correlacionavam à teoria estudada na sala de aula com a prática vivenciada no teatro.

Como culminância do subprojeto Encenando o Texto, os alunos dos 9º anos deveriam fazer uma apresentação única, então, cada 9º ano escolheu um texto e houve uma junção, para que se fizesse um único espetáculo. E assim houve uma integração entre os alunos nos ensaios até a conclusão com a apresentação do espetáculo teatral intitulada como “O Encontro do Desencontro”.

5. RESULTADOS

Larrosa, afirma que um dispositivo pedagógico será então qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si. Sendo assim, a educação, além de um simples ambiente de possibilidades para o desenvolvimento da autoconfiança, pode produzir “formas de experiência de si nas quais os indivíduos podem se tornar sujeitos de um modo particular” (LARROSA, 1994, p.57).

Estas vivências geraram um grande entrosamento entre os alunos, professores e os acadêmicos, havendo uma socialização de conhecimentos e exposição da criatividade, gerando satisfação em participar do processo de criação no espetáculo apresentado no 3º Interarte. No encerramento do 1º e 2º Interarte todos os estudantes e professores juntamente com os monitores de cada oficina, contextualizaram e significaram o trabalho proposto. E por fim os grupos de cada oficina faziam apresentações no pátio da escola,

Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

dentro de um supermercado e no parque da cidade, mostrando tudo o que aprenderam expondo de forma individual ou em grupo a criatividade para os demais colegas e para a sociedade.

Desde o início fomos conhecendo os alunos, percebendo suas limitações e aos poucos observando sua evolução relacionada às suas dificuldades. Foram notáveis suas dificuldades na escrita, na encenação devido à timidez, no convívio em grupo e principalmente no processo de criação. Pude perceber a forte influência e ação transformadora que a arte tem e o importante papel do professor para que se possa detectar determinados problemas.

Este foi um trabalho transformador, pois os alunos não tinham vivência com o meio artístico, inúmeras dificuldades e mesmo assim eles conseguiram montar todo o espetáculo e ainda apresentá-lo. A grande importância de todo o processo além do desenvolvimento dos alunos e do trabalho em equipe, foi à alegria dos alunos ao concluir o espetáculo, pois muitos não mais acreditavam no seu próprio potencial.

“Uma aprendizagem artística assim percorrida deixará marcas positivas na memória do aprendiz, um sentimento de competência para criar, interpretar objetos artísticos e refletir sobre arte sabendo situar as produções. Além disso, o aluno aprende a lidar com situações novas, inusitadas e incorpora competências e habilidades para expor publicamente suas produções e ideias com autonomia. Cada um se sentirá confiante em relação a sua arte à medida que aprender efetivamente, atendendo aos três eixos de aprendizagem significativa: fazer, interpretar e refletir sobre arte, sabendo contextualizá-la como produção social e histórica”. (IAVELBERG, 2006 p.3)

Todos estes procedimentos proporcionaram aos estudantes desenvolver habilidades e competências nas temáticas trabalhadas, no que tange a historicidade de cada tema e as vivências corporais diversificadas, pautadas num processo criativo e sócio-cognitivo, consignados numa proposta de integração social e aproximação com o meio artístico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Cláudio Rubens de. **Street Dance. Jornal Anutsen, 2008.** Disponível em: <<http://www.anutsen.com.br/portal/html/modules.php?name=News&file=article&sid=6>>. Acesso em: 22 maio 2008. IN LAUXEN, Patrícia., ISSE, Silvane Fensterseifer. Contextos da Dança de Rua: Um Pouco de História e Prática. Revista Destaque Acadêmico, ano 1, n.2, 2009 - CCHJ/ Univates.

Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

BERTHOLT, Margot. **Historia Mundial do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CANDAU, Vera Maria. **“Somos Todos Iguais?”** CANDAU, Vera Maria et al (coord.). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**: criação de um tempo-espaço de experimentação. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

CORDEIRO, Paulo. **Prefácio** do livro Visagismo integrado: identidade, estilo e beleza de Philip Hallawell. São Paulo, SP: Ed. Senac São Paulo, 2009. 283p.

CORRÊA, Guilherme et al. **Pedagogia Libertária: Experiências Hoje**. Editora Imaginário, 2000.

DELIZOICOV, D; ANGOTTI, José André, PERNAMBUCO, Marta Maria. **“Ensino de Ciências: Fundamentos e Métodos”**. São Paulo: Cortez, 2002.

EISNER, Elliot. **Estrutura e Mágica no Ensino da Arte**. In: BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 2001.

HADDAD, Ana. **Preparação Cênica Corporal**. Disponível em: <http://www.espacodavoz.com.br/site/area_cenicocorporal.html> Acesso em 25 de agosto de 2013.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte**: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

JOSÉ, Carlos; **A Arte da Transformação** - História da Maquiagem. 2008. Disponível em: < <http://citacaodoze.files.wordpress.com/2008/11/apostila-de-maquiagem-para-cinema.pdf> > Acesso em 06 de dezembro de 2011.

LARROSA, Jorge. **“Tecnologias do Eu na Educação”**. IN: SILVA, Tomaz (org.). Estudos Foucaultianos. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.

LOWENFELD, Viktor e BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

PHELAN, Peggy. **A ontologia da performance**: representação sem reprodução. Revista de Comunicação e Linguagens, Lisboa: Edição Cosmos, n. 24, p.171-191, 1997.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de aula**: o livro do professor. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Revista Iniciação & Formação Docente

Formação docente: Múltiplos olhares

v.1 n.1 (2014)

Abril – Outubro / 2014

SCHECHNER, Richard. **O que é performance?** *Revista O Percevejo*, Tradução Dandara, Rio de Janeiro: UNI-RIO, ano 11, 2003, p.25-50.

VIEIRA, Elaine, VALQUIND, Lea. **“Oficinas de Ensino: O quê? Por quê? Como?”**. 4^o ed. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2002.

VICENTINO, Cláudio. **História Geral**. São Paulo, SP: Scipione, 1997. 495 p.

VITA, Ana Carlota R. **História da maquiagem, da cosmética e do penteado**: em busca da perfeição. São Paulo, SP: Editora Anhembi Morumbi, 2008. 159 p.